

O ensino da regência para mestres de bandas filarmônicas em Alagoas: abordagens metodológicas

Comunicação

Fellipe Teixeira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

fellipe.teixeira.sax@gmail.com

Resumo: Este trabalho nasceu a partir da minha experiência ministrando cursos de regência para músicos e mestres de banda do interior de Alagoas. O texto descreve algumas características dos alunos, com um foco específico nos maestros que compunham a classe. A finalidade é relatar minhas reflexões enquanto professor/ regente e a metodologia empregada em sala de aula para ministrar o conteúdo. Para tanto, é necessário descrever de forma objetiva o que é ser maestro e o importante papel desempenhado pelos mestres em suas respectivas bandas, que em sua maioria suprem o papel de um conservatório musical. A metodologia de aula foi dividida em dois focos: um prático, voltado para gestual do regente e um teórico, voltado para sua postura enquanto líder, e irei descrever cada uma delas e sua recepção pelos alunos.

Palavras chave: Ensino da *performance*. Mestres de banda. Bandas filarmônicas. Liderança.

Introdução

Para alguns, o regente é uma figura rodeada de mitos e sobre ele é atribuída muitas funções diante de sua atividade. Mas o que então define e caracteriza a função do regente? Enquanto intérprete, o regente deve ter o domínio da obra musical que irá reger. Isso quer dizer que ele tem em sua cabeça, a partir de seus estudos, a concepção sonora pré-estabelecida e então, diante do grupo, toma as ações necessárias para que ela aconteça próximo àquilo que ele imaginou. Enquanto líder, o regente é a figura que trará inspiração aos instrumentistas para que eles sigam suas sugestões interpretativas, além de solucionar problemas voltados tanto à organização musical, institucional e pessoal. Segundo Grings (2011):

A literatura da área evidencia que a principal função da regência é “**dirigir**”, “conduzir” as práticas musicais de um conjunto musical, seja ele formado por instrumentistas ou cantores. Para exercer esta função de “**líder**” de um grupo, o regente utilizava, usualmente, uma diversidade de elementos visuais para sinalizar aos integrantes do grupo aspectos a serem observados na prática musical (grifos do meus) (GRINGS, 2011, p. 17).

Partindo dessa constatação, podemos retirar duas palavras importantes que aparecem na citação: “dirigir” e “líder”. Estas são as expressões que melhor sintetizam a função do regente frente a um grupo musical, pois ele dirige não só a música, que é a parte mais evidente do seu trabalho, mas também o grupo em questões burocráticas e humanas. É aí que então se manifesta a verdadeira função de seu ofício, como organizador.

Nos currículos de cursos de regência é comum um olhar mais voltado à técnica, deixando os aspectos de liderança de lado. Porém, liderança e técnica, como teoria e prática, devem andar de juntas. Por exemplo, um regente pode ter um gestual muito bonito mas se não tiver uma boa noção sobre seu papel enquanto líder terá bastante dificuldade na manutenção de seu trabalho. Uma das características desse bom líder é ser um bom comunicador, com discurso claro e sempre objetivo em suas decisões. “Comunicação e decisão são atributos que se esperam de um líder e estão magistralmente ligados na figura do maestro [...] a liderança do maestro é, principalmente, uma liderança inspiradora (FUCCI-AMATO, 2013, p. 212)”. Ainda segundo a mesma autora:

Um líder eficaz em sua habilidade comunicacional – um líder comunicador – precisa desenvolver o poder de autoconvencimento e de uma alteridade convincente: a expressão da sinceridade de seus discursos diante dos outros. Como condição de possibilidade desse convencimento do outro, o líder deve construir, buscando em si mesmo, em novas e velhas ideias, em sua vida pessoal e profissional, nas diversas pessoas com quem (com)vive o autoconvencimento – *convença-te a ti mesmo* (Grifos da autora) (FUCCI-AMATO, 2012, p. 2).

A preocupação com os aspectos da liderança na regência se acentuam mais se observada dentro de um âmbito amador. Neste viés o regente tem em sua função o papel educacional acima da *performance*, e aqui ainda mais seu trabalho só terá eficácia se munido de uma boa metodologia, onde o ambiente de ensaio aproxime-se de uma sala de aula. Fucci-Amato (2013) diz que “um gerente, um líder, um maestro têm [sic] que desenvolver uma **competência pedagógica para ajudar a desenvolver habilidades nos outros**” (grifos da autora) (FUCCI-AMATO, 2013, p. 42). Conforme aponta Figueiredo (1990) “Concordando que a regência e o ensaio envolvem ações didático-pedagógicas, evidencia-se uma relação clara entre a atividade de ensino e a atividade da regência, aproximando o regente do professor” (FIGUEIREDO, 1990, p. 887).

Este é o contexto de muitas bandas de música no Brasil, especialmente no ambiente em que se passou a experiência deste autor, interior de Alagoas. As bandas de música funcionam como uma espécie de conservatório musical, onde jovens instrumentistas desenvolvem sua técnica instrumental e sua capacidade de relacionamento humano em ensaios com uma frequência de 2 a 5 vezes por semana. Dentre as muitas funções dos mestres de banda, observamos e destacamos sua função enquanto educador, pois por suas bandas passam muitos jovens que lá têm seu primeiro contato com a música. Mesmo assim o método de ensino da música é bastante tradicional, podemos dizer até cansativo, pois o aluno passa alguns meses tendo aula de teoria e solfejo para quando alcançar determinado nível ter acesso ao instrumento. Fora isso, há um forte senso de hierarquia e disciplina quase militar, por uma herança que falarei adiante.

O objetivo deste trabalho é trazer a experiência do autor no ensino de regência para mestres de banda, as metodologias utilizadas e os temas abordados em sala de aula. Esta experiência aconteceu em 2016, através dos cursos de música do SESC - AL que visitou três cidades do interior de Alagoas (Água Branca, Piranhas e Marechal Deodoro, respectivamente). Nesses cursos haviam não só a disciplina de regência, mas também de instrumentos, luteria, arranjo e a prática em conjunto com a banda de música da cidade sob minha direção. Ao final dos 5 dias de atividades fazíamos um concerto como resultado do projeto.

Reflexão sobre o papel do mestre de banda e a abordagem em sala de aula

Em uma esfera acadêmica, em cursos de licenciatura e bacharelado em música, há a presença da disciplina de regência no *currículo*, porém muitas vezes a realidade dos mestres de banda passam longe da academia. Geralmente chegam nesta função como egressos da carreira militar ou mesmo pelo tempo em que estão no grupo, passando pra frente a mesma metodologia que fora empregada por seus professores, provenientes da mesma realidade. Geralmente não têm treinamento técnico adequado mas desenvolvem em si mesmos através do empirismo a técnica necessária para manter seus projetos ativos.

Sobre essa formação militar, é possível observar dentro da própria realidade das filarmônicas que o principal destino almejado pelos jovens músicos são as bandas militares, influenciados pelos seus mestres. Segundo Silva (2010) *apud* Campos (2016):

Comum o caso dos músicos que aprendem em uma banda da cidade e depois de atuarem profissionalmente em uma banda militar, retornaram para a função de mestre. Normalmente não recebem remuneração ou, em alguns casos, apenas uma ajuda de custo, e quase sempre gastam bastante de suas economias da busca por melhores condições de seu grupo musical (SILVA *apud* CAMPOS, 2016, p. 316).

Foi pensando nessas informações que me questionei e refleti sobre a forma de abordar a regência para este público. A complexidade que envolve o tema se dá primeiramente pelos alunos de regência já estarem na posição de mestres de banda há um bom tempo e são advindos do tradicional método musical já citado. Tive muito receio da recepção das novas informações, especialmente por confrontar os métodos já empregados em seus ensaios, e também por ser mais jovem que eles. Estes alunos têm a faixa etária acima dos 30 anos, com sua experiência fundada no empirismo da atividade que exercem no cotidiano.

O foco principal das aulas eram muito mais voltados à teoria, com reflexões sobre liderança que à parte técnica propriamente dita. A preocupação maior é que o regente desse contexto das bandas recebe alunos que tem pouca ou nenhuma instrução musical e a partir os instrui. A opção em focar nos aspectos teóricos da regência se deu também pelo motivo de que o repertório que envolve as bandas de música não apresenta grande complexidade técnica. Dessa forma, segundo Figueiredo (1989) citado por Campos (2016), “a competência musical por si só não é garantia de êxito em atividades que envolvem o aprendizado, visto que tais situações, tem a sua ênfase na relação professor-aluno (FIGUEIREDO, 1989, p. 314)”.

A seguir irei relatar a metodologia que foi empregada em sala de aula, definir e contextualizar os temas que foram tratados, as reações aos temas e os resultados.

Metodologia de aula

As aulas tinham a finalidade dividida em duas partes: aulas técnicas e aulas teóricas. Na aula técnica, concentrava minha atenção nas práticas de postura (física) e gestual; nas aulas

teóricas buscava o debate e a reflexão sobre a atividade do regente enquanto líder e seu comportamento.

Aulas técnicas

Como foi abordado no parágrafo anterior, as aulas técnicas envolviam, basicamente, a postura física e o gestual. Como a finalidade deste artigo não é falar sobre técnica gestual do regente, abordarei o tema de uma maneira mais superficial.

A comunicação do regente é basicamente erguida sobre o gesto, uma comunicação não verbal. Muitos problemas em ensaios são resolvidos através do gesto, um gesto que exprime suas intenções musical. Araújo (2014) diz que “o regente é responsável por transmitir a clareza dos sentimentos para que possam refletir, em seus gestos, a interpretação desejada, assim como a execução de indicações musicais de andamento, caráter, dinâmica, articulação e fraseado” (ARAÚJO, 2014, p. 19).

No caso dos laboratórios que geraram esse artigo os maestros tinham pouca ou nenhuma noção de técnica gestual. A solução empregada é sempre a mesma: trabalhar exercício com os padrões gestuais mais habituais do repertório das bandas de música, cujos padrões são de 4/4, 3/4 ou 2/4. Também eram feitos exercícios para a independência dos braços e expressividade. Pedir para que os alunos levassem seus instrumentos para sala de aula foi uma forma eficiente de trabalhar o que era ensinado em aula: não só teríamos uma banda residente como laboratório musical, o que é algo muito bom, pois os regentes teriam a oportunidade de perceber o poder do seu gesto, como também os alunos que estavam tocando poderiam ver e analisar com um olhar crítico a técnica dos colegas e não só isso, se sentiriam numa banda novamente e através dessa experiência veriam seus músicos de suas bandas com um olhar mais cuidadoso, empático.

Aulas teóricas

As aulas teóricas eram baseadas sobre a reflexão dos temas propostos em sala, utilizando inclusive as experiências dos próprios alunos. Nenhum conhecimento era desperdiçado e suas experiências eram levantadas para que todos pudessem debater. A partir

disso eu introduzia novas reflexões sobre a atividade do maestro, especialmente sobre o relacionamento entre maestro e banda.

O relacionamento com o grupo é o grande responsável pelo bem estar dos instrumentistas, além de refletir na produção técnica também, pois se estão felizes tocam com mais prazer e se empenham mais nas atividades. No cenário das bandas filarmônicas, onde a maioria (para não dizer todos) dos músicos são voluntários, os ensaios estão mais voltados para a atividade de lazer que à atividade profissional. Muitos maestros, por terem vindos de uma realidade musical militar ou alunos destes, tratam seus jovens músicos como profissionais militares, com uma rígida disciplina. É uma prática que passa de geração em geração, de professores para aluno. Nos tempos atuais, com o desenvolvimento de novas metodologias de ensino e os estudos aprofundados não só sobre educação musical, mas também sobre a própria regência, temos uma nova visão sobre a atividade do maestro. Sobre isso, afirma Rocha (2004):

Já foi extinta a era do temperamental e do ditador – comportamentos típicos do final do século XIX até meados do século XX. Nestes nossos tempos do ‘politicamente correto’, o regente moderno, sobretudo o brasileiro, não pode mais confundir autoridade com *autoritarismo*, rigor com *rigidez*, seriedade com *sisudez* e daí por diante. Não se ganha mais nada ‘no grito’, porém na tentativa de consenso através do esforço real de compreensão das partes envolvidas, sustentada na emanção do carisma e da autoridade pessoal (Grifos do autor) (ROCHA, 2004, p. 25 e 26).

Partindo dessa constatação, algumas características na postura e no comportamento do líder são essenciais no relacionamento com o grupo, das quais destaquei especialmente três que considere mais importantes para as aulas e que trariam maiores reflexos nas práticas musicais dos meus alunos: autoridade pessoal, autodomínio e o sentido de reconhecimento.

O regente deve entender que sua autoridade vem de dentro pra fora, ou seja, é intrínseca à sua personalidade, jamais conferida por instituição ou cargo. A partir daí todos lhe respeitarão pelo seu conhecimento, sua capacidade de planejamento e intenções. Não basta ser competente musicalmente, como já foi dito, mas também enquanto administrador de pessoas e que tenha condições de transformar o seu local de trabalho num ambiente propício para a produção musical.

A atuação do regente deve estar pautada na harmonia das relações humanas. Deve superar suas competências musicais [...] Portanto, ele precisa se preparar no aspecto interpessoal das relações, para conseguir manter-se e conquistar o respeito dos músicos e da comunidade em geral. Há algumas armadilhas que precisam ser evitadas (GOMES, 2012 p. 162).

Deve tomar cuidado nas decisões e sempre colocar o bem estar do grupo acima de qualquer outra coisa, posicionando-se de maneira imparcial diante das mais diversas situações que podem acontecer no decorrer de sua atividade. Dessa situação também faz parte de seu autodomínio, da maneira com que se comporta diante da diversidade de fatos e pessoas. Nos ensaios é importante que mantenha sua preocupação dividida entre a finalidade musical e bem estar coletivo. Aqui a boa *performance* vai ser resultado da sadia atmosfera que o regente criará nos ensaios.

O senso de reconhecimento é uma das melhores formas de demonstrar que se importa com o trabalho que os instrumentistas vêm desenvolvendo no projeto. É importante mantê-los motivados, sempre dispostos e acima de tudo perceberem como são importantes para a banda de música. Elogiar em público e repreender em particular é uma máxima que deve ser respeitada pois de nada adianta constranger o músico, colocando numa situação desagradável diante dos seus colegas e diminuindo sua potencialidade. Ao elogiá-lo e reconhecer seu valor irá estimular a ele e aos outros instrumentistas. “O regente é um líder que faz com que as pessoas cresçam, aquele que valoriza o esforço de cada elemento através de inter-relações pessoais, buscando uma unidade dentro do grupo” (MATHIAS, apud GRINGS, 2011. P. 24). Rocha (2002) confirma dizendo que:

O efeito não se fará esperar, pois que a ação gerará estímulo nos companheiros, melhorará o ambiente de trabalho, a qualidade e o volume de produção. Já a percepção de uma situação de não-reconhecimento por reais contribuições prestadas poderá provocar desânimo naquele que se empenhou em dar colaboração (ROCHA, 2002, p. 28).

Assim, o regente não só gerará estímulo aos seus músicos como também criará um ambiente produtivo entre seus músicos, sem contar que ganhará a simpatia de todos, colaborando para sua autoridade pessoal, ganhando assim cada vez mais confiança.

Considerações Finais

O ensino da *performance* é difícil para qualquer instrumento. Se ensinar a reger é difícil, ensinar a portar-se como regente é mais difícil ainda, especialmente dentro do contexto no qual foi gerado este trabalho. Aqui esteve em jogo a experiência de outros regentes que tem muito tempo de atividade baseado no empirismo, todo cuidado na abordagem dos temas “novos” é pouco. Trazer a concepção de ensaio-aula foi desafiador, haja vista que a experiência tradicional, a mesma que era empregada pelos mestres que foram meus alunos, não observa da forma que eu levava para sala de aula. Para ela, o simples fato do jovem estar com um instrumento na mão já é suficiente para ser grato. Não há maiores preocupações com o bem estar desses músicos que encontram-se muitas vezes, pelo que pude observar quase sempre, em um ambiente tão rígido quanto um quartel militar. Estes jovens que ingressam nas bandas de música entregam aos seus mestres aquilo que eles têm de mais precioso: o tempo. Convencer aos regentes disso foi tarefa difícil.

A mesma ideia de respeito que passei em sala de aula para os regentes que foram meus alunos, foi o respeito que tive com eles. Busquei ser o melhor exemplo do que buscava falar com propriedade, tanto em sala de aula quanto nos ensaios das bandas. Uma consideração importante é que:

Esta transmissão do saber, segundo Masseto, deve ser marcada pela preocupação, por parte do docente, de buscar mecanismos que levem o aluno a desenvolver eficientemente uma determinada atividade, seja ela, a de construir o próprio conhecimento, coletar informação ou elaborar um texto. Este aspecto da relação professor-aluno é extremamente necessário no fazer musical. (MASSETO *apud* PAULA, BORGES. p. 31)

Os resultados de todos esses processos com a mesma a metodologia aqui descrita foram sempre favoráveis e, por vezes, surpreendentes. Pude contemplar muitos regentes mais antigos e de formação militar se renderem às novas informações de maneira muito positiva. Muitos instrumentistas das bandas desses regentes me falaram pessoalmente, de maneira bastante emocionada, ou me escreveram agradecendo por ter sido agente responsável na mudança dessas pessoas.

Diante desta experiência, mesmo que demorem a entender, que optem por adotar outros métodos ou mesmo manter os antigos costumes, a minha missão enquanto professor de regência, neste contexto, foi plantar a semente e compartilhar conhecimento.

Referências

ARAÚJO, Katarine de Souza. A escolha do gestual e suas implicações interpretativas aplicadas à regência da obra Psalmus, de João Guilherme Ripper [manuscrito], dissertação de mestrado, UFG, 2014.

FIGUEIREDO, Sergio Luiz Ferreira de. A regência coral na formação do educador musical. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) Brasília – 2006

FUCCI-AMATO, Rita. De gesto à gestão: um diálogo sobre maestros e lideranças/ Rita Fucci-Amato e Martinho Lutero Galati – São Paulo: nVersos, 2013

_____. A voz do líder: a arte da comunicação nos palcos da gestão, São Paulo: Campus, 2012

GOMES, Hermes Coelho; OSTERGREN, Eduardo Augusto. A preparação do regente na construção da sonoridade orquestral. Revista Vórtex, Curitiba, v.3, n.1, 2015.

GRINGS, Bernardo. O ensino de regência na formação do professor de música: um estudo com três cursos de licenciatura em música da região sul do Brasil. Dissertação de Mestrado, UDESC, 2011

PAULA, Lucas de; BORGES, Maria Helena Jayme. O ensino da performance musical: uma abordagem teórica sobre o desenvolvimento dos eventos mentais relacionados às ações e emoções presentes no fazer musical. Música Hodie, vol. 5 – nº 1, 2004.

ROCHA, Ricardo. Regência: uma arte complexa: técnicas e reflexões sobre a direção de orquestra e corais. Ibis Libris, 2004.